Revista Letras Escreve Macapá, AP v. 17 – n. 2 ISSN 2238-8060
DOSSIÊ TEMÁTICO - Os 50 Anos da Revolução de Abril: laços culturais Portugal-Brasil-África e ensino de Literaturas no Brasil
ARTIGO

MULHERES E IMPRENSA:

Sara beirão e Maria Lamas, o CNMP e a revista Alma Feminina

WOMEN AND THE PRESS:

Sara Beirão and Maria Lamas, the CNMP, and the magazine Alma Feminina

Revista dos Cursos de Letras e do Programa de Pós-graduação em Letras – Unifap

FLUXO DA SUBMISSÃO
Submissão do trabalho: 30/07/2025
Aprovação do trabalho: 15/8/2026
Publicação do trabalho: 19/10/2026

Michelle Thalyta Cavalcante Alves Pereira
michelle.pereira@aluno.uepb.edu.br
Universidade Estadual da Paraíba

Aldinida Medeiros
aldinidamedeiros@gmail.com
Universidade Estadual da Paraíba

COMO CITAR
CAVALCANTE ALVES PEREIRA, Michelle Thalyta; MEDEIROS, Aldinida. MULHERES E IMPRENSA: Sara Beirão e Maria Lamas, o CNMP e a revista Alma Feminina. Revista Letras Escreve, [S. l.], v. 17, n. 2, p. 148–162, 2026. Disponível em: https://periodicos.unifap.br/letrasescreve/article/view/1095.

Resumo

Neste artigo, abordamos a participação e a colaboração da mulher portuguesa no campo editorial, na primeira metade do século XX. Nosso intento é trazer à tona a participação de Sara Beirão e Maria Lamas como diretoras do Conselho Nacional de Mulheres Portuguesas e, por conseguinte, atuantes no periódico *Alma Feminina*, órgão inicialmente de caráter informativo do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas (CNMP). Com participação efetiva no campo editorial, ambas desempenharam funções importantes em períodos distintos. Deixaram contribuição significativa ao planejarem, coordenarem e executarem estratégias de comunicação que favorecessem à luta feminista, por meio da propagação de leituras e eventos diversos, bem como ações diretas do Conselho. Ao revisitarmos a atuação destas duas romancistas e ativistas do feminismo, em Portugal, reiteramos a importância de pesquisas sobre mulheres e imprensa, assim como estudos sobre o CNMP ao passo em que buscamos aumentar a visibilidade das jornalistas e escritoras, ressaltando o nome de mulheres que desempenharam e contribuíram não apenas com literatura de autoria feminina, mas também com a resistência ao período de ditadura militar por meio da imprensa. Esta pesquisa apoia-se no referencial teórico composto por Costa (2021), Saffioti (2013), Lousada (2010), Tavares (2008), Pereira (2022), Medeiros (2023), dentre outros.

Palavras-chave: Sara Beirão; Maria Lamas; Alma Feminina; CNMP; ativismo feminista.

Abstract:

In this article, we address the participation and collaboration of Portuguese women in the publishing field in the first half of the 20th century. Our aim is to highlight the role of Sara Beirão and Maria Lamas as directors of the National Council of Portuguese Women and, consequently, their involvement in the periodical *Feminine Soul*, initially an informative publication of the National Council of Portuguese Women (CNMP). Actively involved in the publishing field, both played important roles at different periods. They made significant contributions by planning, coordinating, and executing communication strategies that favored the feminist struggle through the dissemination of readings and various events, as well as direct actions by the Council. By revisiting the work of these two novelists and feminist activists in Portugal, we reiterate the importance of research on women and the press, as well as studies on the CNMP, while seeking to increase the visibility of female journalists and writers, highlighting the names of women who played and contributed not only to female-authored literature but also to the resistance to the military dictatorship through the press. This research is based on the theoretical framework composed by Costa (2021), Saffioti (2013), Lousada (2010), Tavares (2008), Pereira (2022), Medeiros (2023), among others.

Keywords: Sara Beirão; Maria Lamas; Feminine Soul; CNMP; feminist activism.

Revista Letras Escreve Macapá, AP v. 17 – n. 2 ISSN 2238-8060 - **DOSSIÊ TEMÁTICO - ARTIGO**

Introdução

O processo de inserção das mulheres na sociedade portuguesa, no início do século XX, é um tema que nos permite abordar sobre os papéis sociais por ela desempenhados, bem como elas se inserem no meio social. Esses papéis, eram, geralmente, de subordinação, exercidos num leque de submissões impostas que acabaram por marginalizá-la, ao considerá-la incapaz de desenvolver atividades além do ambiente privado.

Com o avanço do feminismo e suas reivindicações, surgiram novas formas de subjetividade entre os sexos, que rompem com os tradicionais estereótipos de gênero. Dessa maneira, ao romper com as normas impostas pelo patriarcado e transcender o espaço doméstico, a mulher se afasta das funções que lhe são autoritariamente atribuídas por esse sistema: gerar filhos e cuidar da casa.

Manuela Tavares (2008, p. 161) pontua que "[...] o exercício de novas funções, a saída do espaço limitado da "casa" trouxe evolução de mentalidades e deu outros ventos de liberdade às mulheres". Refletir sobre o papel da mulher fora do espaço privado é também abrir o debate sobre questões de gênero, com o objetivo de trazer visibilidade às lutas feministas e às relações de classe e poder que marginalizam a mulher e suas atividades, especialmente no campo intelectual. Almeida (1997) relata sobre os anos iniciais do século XX, e aborda a importância da participação feminina no campo intelectual, especialmente na imprensa periódica,

> A identidade feminina, resguardada no recato doméstico, convivia com uma sociedade repleta de valores expectativas e preconceitos que compunham seu arcabouço e determinavam os costumes. A transgressão e os questionamentos dos papéis sexuais deveram-se a umas poucas mulheres letradas que deslocaram a questão para além da esfera doméstica através de publicações de seus escritos na imprensa periódica [...] (Almeida, 1997, p. 65).

A participação da mulher na imprensa periódica contribuiu com a sua ascensão no espaço do trabalho, o que resultou em conquistas e ampliação de direitos, para além do ambiente doméstico. Nesse contexto, o movimento feminista se opõe a essas práticas, em busca de igualdade entre homens e mulheres e com ênfase na importância de se debater sobre a desigualdade de gênero nas esferas públicas e privadas. Dessa forma, evidenciamos a participação da mulher no campo editorial, enfatizando a importância das organizações feministas em Portugal, no início do século XX. Destacamos o Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas e sua colaboração em propagar as pautas feministas, em prol dos direitos das mulheres através da imprensa periódica.

Aqui, o foco é participação feminina no âmbito editorial, um espaço de reinvindicação, que exerceu uma função de promover discussões, que questionavam a posição da mulher na sociedade portuguesa. Nas palavras de Almeida (1997, p. 67) "a imprensa feminina em Portugal geralmente preocupava-se com a questão da emancipação, da educação e da profissionalização das mulheres". Dessa forma, nota-se que imprensa feminina foi uma das principais ferramentas para reivindicar os

direitos das mulheres portuguesas, que imediatamente se apoderaram dos seus direitos, que por sua vez as levou à mudança de mentalidades.

Nessa perspectiva, é possível dizer que a mulher conseguiu, através da sua participação na imprensa feminina, enfrentar diversas formas de opressão e lutar por espaço em ambientes que antes eram dominados pelo homem. Como enfatiza Heleieth Saffioti (2013, p. 65), "[...] as feministas, porém, não se deixam vencer; prosseguem na difícil luta de romper tabus e aniquilar preconceitos". O movimento feminista, em contraponto a visão tradicional da sociedade patriarcal, demanda uma nova condição social que resulte na garantia dos direitos das mulheres.

Essas pautas presentes no movimento feminista, eram propagadas pela imprensa periódica, que nas palavras de Almeida (1997, p. 68) expõe que "os jornais femininos eram escritos, dirigidos e destinados às mulheres possuindo um determinado teor feminista, contando também com a colaboração de simpatizantes do movimento".

1 O Conselho Nacional de Mulheres Portuguesas e a importância do *Alma Feminina*

A participação ativa da mulher na imprensa periódica, foi alcançada por meio de muita luta e resistência, pois, "[...] as mulheres tiveram que lutar pelo direito ao voto, à igualdade de direitos na família, pelo direito à educação, ao trabalho remunerado, à participação cidadã. Direitos iguais aos dos homens. Igualdade nas leis" conforme Tavares (2008, p. 60). Nesse cenário, de lutas e desconstrução das normas patriarcais, mulheres como Sara Beirão e Maria Lamas mostraram sua capacidade, de propagar os ideais feministas e fortalecer a atividade intelectual da mulher portuguesa, assumindo funções que antes eram realizadas apenas pelos homens. Diante disso, a proposta justifica-se como uma forma de promover o conhecimento e o debate.

É importante destacar que, apesar das inúmeras conquistas, a mulher ainda não está completamente livre das opressões impostas pelo homem, no meio intelectual, que muitas vezes resistem a compartilhar espaços no campo editorial em igualdade com elas. Ainda na sociedade contemporânea, há uma resistência do homem em reconhecer a mulher como um sujeito ativo no campo editorial, vendo-a, em vez disso, como incapaz de exercer atividades fora do ambiente doméstico, sempre posicionando-a em um status inferior ao do homem. A "valorização" feminina, que na verdade reflete sua desvalorização, está atrelada ao cumprimento de determinadas normas sociais tradicionais.

Assim, a tradição perpetuou a condição de submissão social da mulher, o que só viera a ser questionado com o surgimento dos movimentos feministas, o que, aos poucos, através da sua participação ativa no campo editorial, fez com essa posição de subordinação fosse gradualmente desconstruída. Essas mudanças, por sua vez, possibilitaram a construção de uma nova condição feminina e uma nova posição social e política, permitindo que as mulheres ocupem os mais diversos espaços sem distinção de gênero na sociedade em que estão inseridas.

Neste contexto, enfatizamos a participação das mulheres no campo editorial sob uma

perspectiva de gênero e feminista, refletindo sobre sua trajetória para conquistar respeito e valorização nesse meio. A transição da mulher submissa aos padrões patriarcais para a mulher intelectual gerou e continua gerando debates sobre a representatividade feminina ao longo dos séculos. Essa representação revelou o potencial intelectual da mulher, que utiliza seus escritos como uma ferramenta para expressar sua voz, com o objetivo de eliminar os padrões patriarcais predominantes.

De maneira geral, pode-se afirmar que a imprensa foi uma ferramenta de grande influência para o avanço dos direitos das mulheres. Segundo Costa (2021, p. 87), "[...] Sara Beirão deu continuidade, para uma nova geração de mulheres, a existência de uma organização feminista com estatutos e com um percurso histórico singular em Portugal". A participação ativa de Sara Beirão e Maria Lamas no campo editorial, especialmente durante o período que atuaram como diretora e editora, destacam-se pela abordagem de questões relacionadas à luta das mulheres por direitos, igualdade e liberdade de escolhas.

A imprensa liderada por mulheres, ou as revistas e jornais nos quais elas participavam, foram ferramentas de voz e ideias que contribuíram para o enfraquecimento das relações de poder de bases machistas que se perpetuaram ao longo dos séculos. Ao longo desse processo, inúmeras mulheres, como Sara Beirão e Maria Lamas, enfrentaram situações de violência de gênero no campo editorial. Entretanto, a partir de muita luta e resistência, elas conseguiram romper com o tradicionalismo e evidenciar as potencialidades da mulher, representando de forma magistral essa classe frequentemente subjugada pelo patriarcado como inferior e incapaz.

Por isso, destacamos a importância da atuação de Sara Beirão e Maria Lamas em relação ao periódico *Alma Feminina*, órgão informativo do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas[1], em que desempenharam funções importantes, resultando em grande impulso para este periódico e para as diversas ações do Conselho.

A propagação do movimento feminista foi fortalecida por parcerias com organizações que defendiam ideais feministas. Neste contexto, destaca-se o CNMP. Em seu livro intitulado *História do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas (1914-1947)*, Célia Rosa Costa enfatiza que o CNMP

> [...] foi a organização com a maior longevidade na história do associativismo feminista em Portugal, tendo mantido sempre constante a publicação do seu boletim, intitulado *Boletim Oficial do CNMP*, depois *Alma Feminina* e finalmente *A mulher* (Costa, 2021, s.p.).

O fortalecimento do CNMP ocorreu por meio da divulgação dos ideais feministas através da imprensa periódica. Um dos principais instrumentos de propagação das pautas feministas no CNMP foi o boletim, que informava a sociedade portuguesa sobre as questões e os avanços conquistados pelas mulheres por meio das reivindicações do movimento. Dessa forma, o boletim é

[1] Doravante, também tratado pela sigla CNMP.

Revista Letras Escreve Macapá, AP v. 17 – n. 2 ISSN 2238-8060 - **DOSSIÊ TEMÁTICO - ARTIGO**

considerado um instrumento informativo fundamental no início do século XX, tendo passado por diversas modificações em seu nome:

> O Conselho publicou, a partir de Novembro de 1914, um boletim designado *Boletim Oficial do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas*, com o objectivo de divulgar os ideais e as reivindicações feministas, bem como servir de elo de ligação entre as sócias da agremiação. Em Janeiro de 1917, o boletim passou a intitular-*se Alma Feminina* e em Dezembro de 1946 foi editado com o título *A Mulher* (Correia, 2013, p. 02).

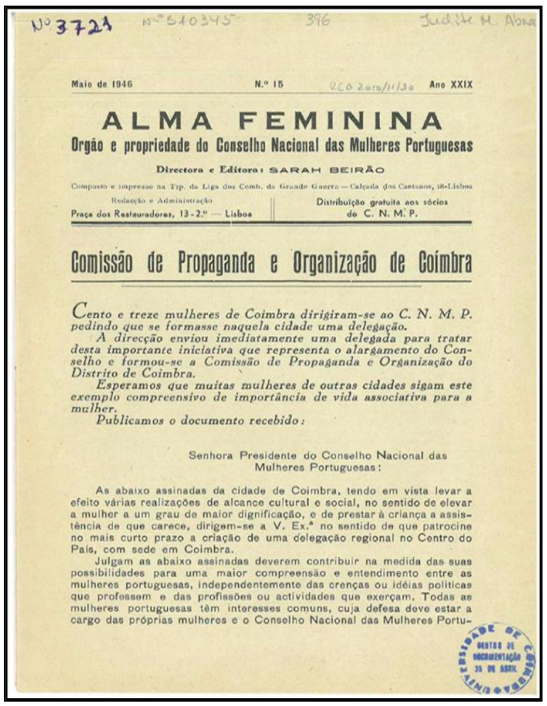
Neste contexto, o campo editorial passou a ser marcado pela presença das mulheres em diversas funções, o que resultou no fortalecimento da posição feminina. Assim, iniciou-se uma luta significativa pelo reconhecimento da mulher nesse espaço. Pinto-Coelho e Mota-Ribeiro (2005), ao abordar a participação das mulheres e seu acesso ao discurso na imprensa, ressaltam que:

> [...] a exclusão ou secundarização das vozes femininas implica que o conhecimento acionado neste discurso e produzido pelo mesmo é necessariamente parcial e, como tem sido mostrado, muitas vezes seletivo e negativo, portanto, propiciador da reprodução de atitudes e de ideologias que legitimam a dominação masculina (Pinto-Coelho e Mota-Ribeiro, 2005, p. 1942).

Observamos, pois, as dificuldades que as mulheres enfrentavam para acessar a imprensa, dominada por ideologias da classe hegemônica que excluíam e silenciavam suas contribuições. Essa realidade limitava o acesso ao discurso público, relegando sua produção intelectual à marginalidade e desvalorizando suas obras. No entanto, esse panorama começou a se transformar com a conquista de direitos por meio das reivindicações dos movimentos feministas. Neste estudo, destacamos, especificamente o período em que o boletim foi denominado *Alma Feminina*, sob a direção de Sara Beirão. Nesta fase, as discussões presentes no boletim estavam intimamente ligadas à luta de grupos feministas e à vida pessoal de Beirão. Tais questionamentos atravessaram as décadas e resultaram em conquistas essenciais para a vida das mulheres portuguesas.

Dessa forma, a revista *Alma Feminina* se destaca como uma importante ferramenta de comunicação feminista no século XX, que proporcionou visibilidade à produção intelectual feminina e promoveu a equidade entre homens e mulheres. A seguir, é apresentada a capa de uma da edição número 15 do boletim, de maio de 1946, quando Sara Beirão atuava como diretora e editora.

Revista Letras Escreve Macapá, AP v. 17 – n. 2 ISSN 2238-8060 - **DOSSIÊ TEMÁTICO - ARTIGO**



Maio de 1946 N.º 15 Ano XXIX

ALMA FEMININA

Orgão e propriedade do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas

Directora e Editora: SARAH BEIRÃO

Composto e impresso na Tip. da Liga dos Comb. da Grande Guerra — Calçada dos Caetanos, 28-Lisboa

Redacção e Administração
Praça dos Restauradores, 13-2.º — Lisboa

Distribuição gratuita aos sócios do C. N. M. P.

Comissão de Propaganda e Organização de Coimbra

Cento e treze mulheres de Coimbra dirigiram-se ao C. N. M. P. pedindo que se formasse naquela cidade uma delegação.

A direcção enviou imediatamente uma delegada para tratar desta importante iniciativa que representa o alargamento do Conselho e formou-se a Comissão de Propaganda e Organização do Distrito de Coimbra.

Esperamos que muitas mulheres de outras cidades sigam este exemplo compreensivo de importância de vida associativa para a mulher.

Publicamos o documento recebido:

Senhora Presidente do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas:

As abaixo assinadas da cidade de Coimbra, tendo em vista levar a efeito várias realizações de alcance cultural e social, no sentido de elevar a mulher a um grau de maior dignificação, e de prestar à criança a assistência de que carece, dirigem-se a V. Ex.ª no sentido de que patrocine no mais curto prazo a criação de uma delegação regional no Centro do País, com sede em Coimbra.

Julgam as abaixo assinadas deverem contribuir na medida das suas possibilidades para uma maior compreensão e entendimento entre as mulheres portuguesas, independentemente das crenças ou idéias políticas que professem e das profissões ou actividades que exerçam. Todas as mulheres portuguesas têm interesses comuns, cuja defesa deve estar a cargo das próprias mulheres e o Conselho Nacional das Mulheres Portu-

Figura 1: Capa da edição n. 15 do *Alma Feminina*: boletim oficial do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas/ dir. Sarah Beirão (CNMP, 1946).

Entre 1934 e 1946, Sara Beirão acumulou, durante a maior parte desse período, os cargos de presidente do CNMP e de diretora do periódico *Alma Feminina* (Costa, 2021). A participação das mulheres no campo editorial e em posições de liderança foi fundamental para a conquista e o fortalecimento da emancipação feminina, em que Sara Beirão tem importante relevância nessa conquista, ao representar os interesses feministas em suas publicações, além de comprovar a capacidade da mulher de ocupar espaços de liderança.

2 Sara Beirão no CNMP e na Revista *Alma Feminina*

Com as conquistas alcançadas pelos movimentos feministas, as mulheres começaram a transgredir normas e a construir uma nova identidade em relação à sua posição social. A entrada no mundo intelectual possibilitou a saída de espaços marginalizados impostos pelas classes dominantes. Não de muitas, nem sequer ainda da maioria, porém, de um número considerável, por volta de 1940, em relação ao que se tinha no início deste século. Nesse contexto, objetiva-se aqui mostrar um pouco da história de Sara Beirão no meio editorial, com destaque para a sua atuação no *Alma Feminina*.

Sara Beirão foi uma escritora e jornalista no final da década de 1920, período em que também integrou os corpos gerentes do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas (CNMP) (Costa, 2021). Essa entrada no CNMP foi crucial para dar visibilidade à sua participação no campo intelectual e para buscar uma nova identidade, utilizando o meio editorial para propagar ideais feministas e

Revista Letras Escreve Macapá, AP v. 17 – n. 2 ISSN 2238-8060 - **DOSSIÊ TEMÁTICO - ARTIGO**

(re)afirmar as potencialidades da mulher. Essa ação constitui uma forma de enfraquecer e desconstruir os padrões perpetuados pelas raízes do patriarcado.

A escritora vem de uma família de classe média, filha de um médico progressista e de uma mãe burguesa, letrada. Sua condição financeira privilegiada possibilitou que ela tivesse acesso à educação, algo incomum entre as mulheres de sua época. Por meio da educação, ela conseguiu ascender em sua carreira profissional e ocupar posições de destaque como escritora, diretora e redatora, oportunidade que utilizou para defender os interesses das minorias, especialmente as mulheres, segundo Pereira (2021).

O despertar das mulheres para a luta ganhou visibilidade entre o final do século XIX e início do século XX. Este período foi um marco de grandes conquistas, com mudanças de mentalidade que impactaram a vida das mulheres na sociedade portuguesa e resultaram na garantia de direitos. Assim, esse movimento se consolidou como uma luta política e social pela igualdade de direitos entre homens e mulheres:

> A busca efervescente por direitos ressalta uma corrente de ideais femininos que priorizam o engajamento social de forma mais igualitária em relação ao homem e à mulher, correspondendo a movimentos em prol da igualdade. Esses movimentos vividos em Portugal, que giram em torno da valorização da mulher, incluem-se no contexto do primeiro momento do feminismo, ocorrido durante o final do século XIX até a metade do século XX. (Pereira, 2021, p. 18).

O movimento feminista passou por várias fases, sendo que este período é conhecido por alguns estudiosos como a "primeira vaga", enquanto outros o chamam de "onda" ou "corrente". No entanto, todas essas fases compartilhavam um único objetivo: lutar por direitos e romper com as tradições que marginalizavam as mulheres na sociedade. A partir do movimento e suas reivindicações, as mulheres passaram a reconhecer que sua participação na imprensa seria fundamental para fortalecer a emancipação feminina. No campo editorial, elas puderam expor seus ideais e mostrar suas potencialidades, o que permitiu que ultrapassassem as barreiras da indiferença presentes nesse meio. Essa mudança não apenas incentivou outras mulheres a lutar por seus direitos, mas também posicionou a imprensa como uma ferramenta vital para romper o silêncio que as oprimia há séculos:

> [...] o espaço ocupado na imprensa pelas mulheres, servia o propósito de estimular e convocar para a batalha pela emancipação de outras irmãs. Neste aspecto não podemos deixar de lembrar o papel dos boletins e dos órgãos de propaganda de instituições de que estas figuras femininas eram membro. Assim, sucedem-se boletins, revistas e jornais dirigidos e escritos por mulheres. (Lousada, 2010, p. 01).

Além disso, buscava resgatar os nomes de mulheres que utilizaram a imprensa como uma ferramenta para desconstruir as normas patriarcais. Ao longo da história da luta feminina por

espaços de reconhecimento, é crucial reconhecer que muitas dessas mulheres tiveram seus talentos silenciados.

Neste contexto, a imprensa emergiu como um espaço influente onde elas puderam demonstrar suas capacidades intelectuais, entretanto, também suscitou indagações a respeito do lugar da mulher e sua aptidão para ocupar posições no campo editorial. Mesmo diante de perseguições, muitas mulheres, consideradas mais preparadas, conseguiram ocupar esses espaços com notável habilidade na imprensa diária:

> As mulheres mais preparadas compreendem a necessidade de "ocupar" espaço na imprensa diária, e não só nos órgãos das organizações em que começam a movimentar-se. É legítimo acreditar que 1907 assinala um marco determinante para um grupo significativo destas mulheres, mais capacitadas [...] (Lousada, 2010, p. 02).

Sara Beirão, tendo nascido numa época em que ainda se lutava pelo sistema republicano, entrou desde cedo para as lides dos movimentos progressistas. Embora em seus primeiros romances trouxesse enredos ainda romantizados, já apontava para temas que contemplavam as reivindicações feministas. Constatamos que, em muitas de suas personagens,

> [...] os diálogos abordam outros problemas como o casamento, a orfandade feminina, a pobreza nas comunidades rurais e, notadamente, os direitos humanos em sociedade. Nos enredos de seus romances, encontramos de quando em vez uma ou outra fala em defesa da mulher, conforme os parâmetros da época. É visível, com base na leitura dessas obras, que a vivência e experiência paralelas como jornalista, forneceu a Sara Beirão muitas ideias e material para estes enredos romanescos. (Medeiros, 2021, n.p.).

Enquanto diretora do *Alma Feminina*, Beirão desempenhou um papel fundamental como autora e responsável pela maioria dos artigos, muitos dos quais eram assinados com as iniciais S.B. (Costa, 2021). Neste ponto, é necessário destacar que, embora o campo editorial tenha sido historicamente dominado por homens, o início do século XX marcou uma desconstrução desse cenário, impulsionada pelo despertar das mulheres para a luta por uma educação que as capacitasse a ocupar diversos espaços na sociedade e na política.

Neste contexto, o campo editorial se tornou um foco importante para essa emancipação, portanto, "a trajetória de vida de mulheres como Sara Beirão foi marcada por lutas e resistência em prol da conquista de direitos; lutas estas que contribuíram para a emancipação feminina" Medeiros e Pereira (2024, p. 135). Essa realidade ressalta a relevância da representatividade feminina fora dos espaços privados. Embora a presença feminina nos espaços públicos tenha, por muito tempo, sido silenciada pelo patriarcado, a propagação dos movimentos feministas possibilitou que as mulheres se libertassem das amarras da cultura tradicional e ganhassem visibilidade em sua luta por direitos. Esse despertar para a defesa de seus ideais culminou na efetivação da emancipação feminina.

Assim, a entrada de mulheres preparadas para ocupar cargos no campo editorial em Portugal representa um marco na história da luta e conquista dos direitos femininos no país, em que tiveram oportunidade de desenvolver atividades intelectuais e apresentar suas potencialidades por meio de sua atuação nesse setor, as quais envolviam também a luta por direitos das mulheres.

Na busca por liberdade, entre conflitos constantes entre a classe dominante e a classe dominada — ou seja, entre homens e mulheres — a imprensa tornou-se um espaço fundamental para o fortalecimento do movimento feminista. À medida que as mulheres começaram a ocupar a imprensa, os debates sobre a desigualdade de gênero se intensificaram, as organizações feministas se fortaleceram e as ideias de igualdade passaram a se espalhar entre população feminina. Neste contexto, Sara Beirão tem importante relevância como defensora do movimento feminista por meio de suas publicações no *Alma Feminina* (Costa, 2021).

Sara Beirão acreditava que a disseminação das pautas feministas era um caminho essencial para a conscientização das mulheres que ainda estavam aprisionadas às normas patriarcais. Nesse contexto, ela enfatizava a importância de expor os ideais feministas por meio do *Alma Feminina*. A circulação deste boletim tornou-se uma fonte essencial para a desconstrução das normas patriarcais e para a conscientização das mulheres sobre seu papel na sociedade, contribuindo de maneira positiva para a mudança de mentalidades e o progresso da condição feminina na sociedade portuguesa.

3 Maria Lamas: imprensa, literatura e ativismo político

Maria Lamas integra o CNMP no final da década de 30, mais precisamente em 1936, quando o seu percurso como escritora e jornalista já é reconhecido. Com a experiência da participação em outrap registers e periódicos, ela foi indicada, "para a Comissão da Educação para o ano de 1937; também integrou as comissões de Literatura (1939-1941-1943) e de Artes (1943-1944). Em 1945 será eleita presidente do CNMP, cargo que acumula com o de directora da revista *Modas & Bordados*." conforme aponta Costa (2021, p. 88).

Muito embora não se afirmasse nem se reconhecesse publicamente como feminista, Maria Lamas praticou um ativismo amplo e em consonância com as reivindicações deste movimento. Tal como afirma Costa (2021, p. 88), ela teria dito "de um modo geral estou fora do problema do feminismo, porque não o compreendo nem o sinto como a maioria das mulheres. Não me interessa […] a luta pela conquista dos direitos políticos, pois só a "política humana" merece a minha atenção de mulher". Acreditamos que este tipo de afirmação esteja ligada ao fato de o feminismo ainda estar, aquela época, lutando por direitos muito básicos para a mulher, direitos os quais estavam, de fato, na base dos direitos humanos. Maria Lamas pensava, sobretudo em coletividade, nos direitos de todos, mas sabia, pela própria experiência, que as mulheres seriam os agentes mais dinâmicos da mudança neste sentido.

Parafraseando-a, era necessário, antes de mais, analisar as causas e efeitos que influem na

mentalidade e no destino das nossas mulheres é tarefa que excede as possibilidades de um trabalho individual. Mas basta contar como elas vivem e sonham e lutam e sofrem, para que o grande problema se revele no seu profundo e dramático sentido humano. Nada mais que um documentário vivo e sincero: visões da nossa paisagem, aldeias e cidades, como cenário; mulheres de todas as condições, com seu labor, seus trajos característicos, sua índole e costumes, suas alegrias e tormentos – o grande romance da vida, lírico e brutal, ora calmo, ora intenso, agora rasteiro, logo fremente de ansiedade, mas sempre enraizado no amor. Não somente o amor que procria, mas também, e muito, a ternura humana que suplanta afectos pessoais e torna o homem irmão do homem. (Lamas, 1948, p. 5-6).

Com base na biografia escrita por Maria Antonia Fiadeiro, nas palavras de Maria Joao Cabrita, Lamas escreveu

> [...] na revista do CNMP, Alma Feminina, urge que as mulheres se conscienzializem dos seus direitos e deveres, conheçam **"**tudo o que diz respeito à mulher, à criança e à família integradas na vida da Nação sob múltiplos aspectos" (Ano XXVIII, nº 14, Novembro de 1945, pp. 1–2); se elevem moral e intelectualmente de modo a conquistarem o lugar que lhes compete, ao lado do homem, na luta pelo progresso da humanidade. (Cabrita, 2016, s/p.).

Maria Lamas viveu e atuou em um contexto no qual as mulheres tinham um acesso restrito como eleitoras, tinham pouca participação em órgãos do governo e ainda pouca atuação na imprensa reconhecida nacionalmente. Além de todas as atividades, ela foi uma voz ativista pela paz, conforme vemos na capa de uma publicação a seguir:

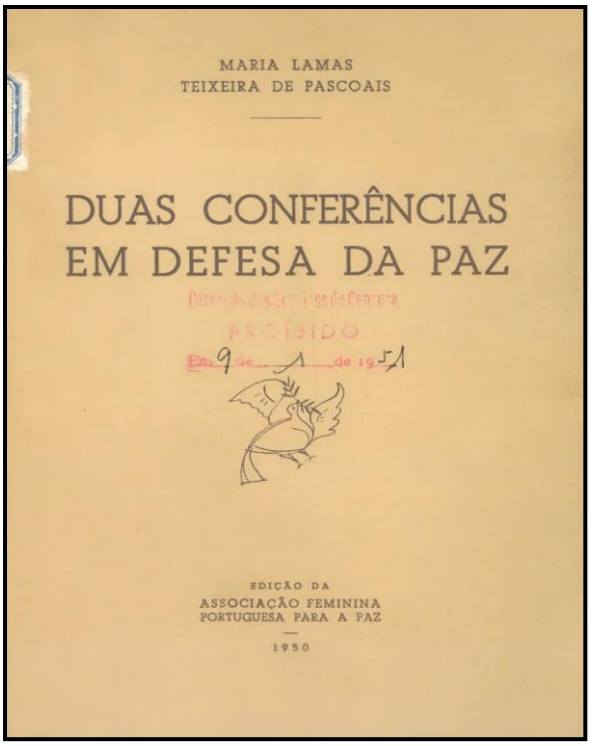


Figura 2: Um discurso de Maria Lamas, publicado pela Associação Feminina Portuguesa para a Paz (Disponível: _Maria_-_Livros_Proibidos, https://wikialgarve.pt/autoresalgarvios/index.php/Lamas)

Na qualidade de presidente do CNMP,

> ousou ter uma posição claramente política de contactos e intervenções que visavam a mobilização das mulheres ao nível da oposição ao regime, assinando as listas do MUD e nomeando Maria Alda (responsável pelo sector de Mobilização e Organização das Mulheres Comunistas, que funcionava à escala nacional) delegada de província do CNMP, tendo como principais incumbências a angariação de sócias no plano nacional e a criação das respectivas delegações; (Costa, 2021, p. 88).

O que observamos, então, e um intenso movimento de ideais do feminismo, mas sem uma aceitação plena do rótulo de feministas por estas mulheres. Maria Lamas e seus ideais impulsionaram ainda mais "uma nova geração de mulheres que integravam o CNMP, […] que reivindicavam direitos cívicos e políticos, mas sem se afirmarem *feministas* – "não desejavam uma separação dos homens sob nenhuma forma" (Costa, 2021, p. 88). Assim, pensamos que não soa contraditório as ativistas não se afirmarem abertamente feministas, visto que o termo e os conceitos sobre este ideário era ainda muito pejorativo em todas as classes sociais, sobretudo nas menos esclarecidas. Mais ainda, que a perseguição do Estado Novo vigiava e perseguia tudo o que fosse "subversivo" aos seus olhos.

Apesar disso, a nosso ver, foram feministas sim, dentro do que era possível ser feito nesta

Revista Letras Escreve Macapá, AP v. 17 – n. 2 ISSN 2238-8060 - **DOSSIÊ TEMÁTICO - ARTIGO**

seara, naquele período. Maria Lamas deixou um legado fabuloso com as obras *As mulheres no meu país* e *A mulher no mundo,* em suas palavras ela fala da situação da mulher e do quanto vivenciou dificuldades para sua publicação:

> Assim foi escrito este livro, que é uma expressão de fraternal solidariedade com as Mulheres do meu País. Se ele abalar a indiferença, ou antes, a ironia com que os portugueses usam encarar os problemas femininos, e alguém estender a mão, firmemente, às grandes sacrificadas, vítimas milenárias de erros milenários, que, apesar de tudo, continuam a ser as obreiras da vida, bem pequenos foram, afinal, os incalculáveis esforços, fadigas e obstáculos vencidos, que a publicação representa. (Lamas, 1948, p. 5-6).

O que apenas confirma nossa compreensão do quanto as palavras feminismo/feminista eram, ainda, bastante dotadas de um significado pejorativo. (id., ibidem). Logo, é fundamental resgatar os nomes de mulheres que participaram ativamente desse campo, mas que, devido à sua condição biológica, foram excluídas e silenciadas na historiografia, em um espaço historicamente dominado por homens. Conforme Almeida (1997) enfatiza:

> Os periódicos femininos eram escritos e dirigidos por mulheres pertencentes às classes privilegiadas, pessoas detentoras de cultura e criticidade, uma elite, enfim, que constituiu-se numa equipe de vanguarda e se arrogou a prerrogativa de questionar a ordem social e as estruturações culturais que normatizavam sua vida e seu destino.(Almeida, 1997, p. 67).

Estas mulheres se voltaram para lutas de ideais coletivos, e ativistas como Sara Beirão e Maria Lamas, que além de ficcionistas e poetas foram grandes escritoras na imprensa ajudaram a com surtir um pensamento que já andava a decorrer, e permitiu `as mulheres transgredirem as normas do patriarcado, e se tornarem livres, capazes de pensar e tomar suas próprias decisões conforme seus desejos e vontades. Eram de uma "elite feminina era composta de médicas, artistas, advogadas, engenheiras, esportistas, escritoras e professoras que, pela imprensa, tinha acesso ao espaço público e podiam denunciar o que suas antecessoras calaram em anos de submissão", conforme Almeida (1997. p. 67) nos assegura.

Revista Letras Escreve Macapá, AP v. 17 – n. 2 ISSN 2238-8060 - **DOSSIÊ TEMÁTICO - ARTIGO**

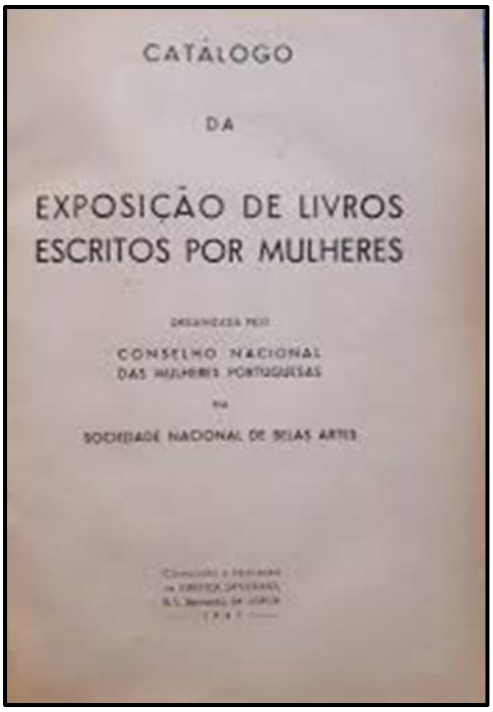


Figura 3: Catálago da Exposição de Livros Escritos por Mulheres, organizada pelo CNMP, sob a direção de Maria Lamas. Dsponível em: http://silenciosememorias.blogspot.com/2014/10/0779-maria-lamas-iii.html

Desta maneira, aos poucos, as mulheres passaram assumir funções na imprensa periódica, antes reservadas exclusivamente aos homens, o que demonstra a importância do engajamento feminino nos movimentos em prol de seus direitos, cujo compromisso resultou não apenas na conquista de novos espaços, mas também na transformação de mentalidades antes presas a padrões opressores, agora liberadas.

Considerações finais

O resgate da contribuição das mulheres nos periódicos femininos, em que desempenharam inúmeras funções, como autoras, editoras e em papéis de direção e coordenação, nos permite conhecer uma trajetória marcada pela desigualdade. O cenário editorial era dominado por normas patriarcais, que excluíam a participação feminina no meio intelectual. No entanto, com os avanços dos movimentos feministas, as mulheres conquistaram espaço e reconhecimento no campo da edição.

Este foi um processo complexo, dada a resistência da classe dominante em aceitar a entrada da mulher no campo editorial. Os discursos frequentemente desmereciam a produção intelectual feminina, tratando-a como inferior. Mesmo diante de forte oposição, as mulheres foram aos poucos desconstruindo os estereótipos e conquistando o devido reconhecimento em sua participação no meio intelectual.

A participação da mulher no campo editorial foi fundamental para a propagação das pautas feministas. Isso se evidencia pelo aumento de órgãos informativos com enfoque feminista no início do século XX, que reivindicavam uma nova condição para as mulheres. As discussões presentes nos boletins da época visavam provocar inquietações nas mulheres que se identificavam com os temas abordados, resultando em uma crescente insatisfação feminina quanto ao seu lugar na sociedade. Despertar outras mulheres para a luta é uma estratégia eficaz para fortalecer o movimento feminista e promover a igualdade de gênero. A produção intelectual feminina trouxe à tona debates que incentivavam as mulheres a modificar as condições impostas pelo patriarcado, enfraquecendo assim o sistema dominante.

Dentro dessa perspectiva, Sara Beirão e Maria Lamas aproveitaram seu espaço no campo editorial para fazer militância e defender seus ideais. Sua participação no boletim *Alma Feminina* foi vital para a conscientização da mulher portuguesa e para o fortalecimento da emancipação feminina. À medida que as mulheres se despertavam para lutar por seus ideais, abriam caminho para a desconstrução dos preconceitos profundamente enraizados na sociedade portuguesa da época.

Assim, é possível concluir que o envolvimento da mulher no meio intelectual, com ênfase na participação feminina na imprensa, possibilitou uma transgressão de um espaço de silenciamento para um de autonomia e valorização, onde suas vozes são ouvidas e seus ideais são difundidos. A atuação ativa de Sara Beirão e Maria Lamas no campo editorial, especialmente por meio do boletim *Alma Feminina*, foi fundamental na promoção de pautas que apoiaram a luta feminista. Dessa forma, ela contribuiu para com o rompimento da espiral de violência e desigualdade que limitava as mulheres na sociedade portuguesa, resultando no fortalecimento da emancipação feminina.

Referências

ALMEIDA, Jane Soares de. Magistério primário em Portugal: conquista feminina no início do século XX. **Cadernos De Pesquisa**, n.102, 1997, p. 65-88.

CABRITA, Maria João. Maria Lamas e os Direitos das Mulheres. Obtido em 5 de dezembro de 2019, In: **Revista** Caliban, 2016. Disponível em: https://revistacaliban.net/maria-lamas-e-os-direitos-dasmulheres-223365a09698%0A. Acesso em: 02 jun. 2025

CORREIA, Rosa de Lurdes Matias Pires. **O Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas**: A Principal Associação de Mulheres da Primeira Metade do Século XX (1914-1947). 2013, 163f. Dissertação (Mestrado em Estudos sobre as Mulheres) -Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Julho de 2013. Disponível em: https://core.ac.uk/download/pdf/157629099.pdf. Acesso em: 02 set. 2024.

COSTA, Célia Rosa Batista. **História do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas (1914- 1947)**. Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (ICS-UL), Editora: Tinta da China, Lisboa/Portugal, 2021.

LAMAS, Maria. **As mulheres do meu país**. Lisboa: Actuális, 1948.

LOUSADA, Isabel. Imprensa: amplificador da voz feminina. **Catálogo da Exposição Percursos, Conquistas e Derrotas das Mulheres na 1.ª República**. 1º Ed. Lisboa: CML/BMRR, 2010.

MEDEIROS, Aldinida; PEREIRA, Michelle Thalyta Cavalcante Alves. A leitura e a educação como elementos de conscientização e emancipação das protagonistas em Destinos e Sozinha, de Sara Beirão. **Revista Ártemis**, [S. l.], v. 37, n. 1, p. 134–146, 2024. Disponível em: https://periodicos.ufpb.br/index.php/artemis/article/view/71005. Acesso em: 14 ago. 2024.

MEDEIROS, Aldinida. Quando a romancista é ativista pelos direitos humanos e feminismo: Sarah Beirão e suas protagonistas. **Revista online: Revista Incomunidade**. Porto – Portugal, 2021. Disponível em: https://www.incomunidade.pt/quando-a-romancista-e-ativista-pelos-direitos-humanos-e-feminismo-sarah-beirao-e-suas-protagonistas-aldinida-medeiros/. Acesso em: 29 abril 2025.

PEREIRA, Michelle Thalyta Cavalcante Alves. **Problematização da condição da mulher no início do século XX em sozinha e um divórcio, de Sarah Beirão**. 2021, 102f. Dissertação (Mestrado em Literatura e Interculturalidade). – Universidade Estadual da Paraíba Campina Grande, 2021. Disponível em: http://tede.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/tede/4084. Acesso em: 18 ago. 2024.

PINTO COELHO, Maria Zara; MOTA RIBEIRO, Silvana. O acesso das mulheres ao discurso da imprensa portuguesa. **Comunicação apresentada ao IV SOPCOM**, Universidade de Aveiro, 2005.

SAFFIOTI, Heleieth. **A mulher na sociedade de classes**: mito e realidade. 3.ed. São aulo: Expressão Popular, 2013.

TAVARES, Maria Manuela Paiva Fernandes. **Feminismos em Portugal (1947-2007)**. 636 f. Tese (Doutorado em Estudos sobre as Mulheres). Universidade Aberta, Lisboa, 2008. Disponível em: https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/1346. Acesso em: 22 abr. 2024.